

# **literatura**



# **IMAGENS DE MACAU NA LITERATURA INGLESA SETECENTISTA — A «PÉROLA DO ORIENTE» NA OBRA DE DANIEL DEFOE**

*Rogério Miguel Puga\**

Macau é desde o século XVI uma plataforma de cruzamentos interculturais, sendo referida por escritores europeus desde a chegada dos Portugueses à Baía de A-Ma-Kao. Após terem chegado à Índia, e já conhecedores das descrições da China do livro de Marco Polo, os navegadores portugueses ouvem falar dos chineses — gente branca, sem barba, de cabelo comprido<sup>1</sup>, visão, decerto, exótica e estranha aos olhos dos lusos. Desde então, as relações e representações mútuas entre Chineses e Portugueses têm-se modificado ao longo dos tempos. A título de exemplo citamos Pêro de Magalhães de Gândavo que por falta de referentes europeus para descrever o gentio brasileiro, o compara, em termos de feição, aos chineses «(...) algumas feições dele à maneira dos chineses».<sup>2</sup> Compara-se então o Outro ameríndio ao Outro asiático; duas civilizações distantes, exóticas e estranhas ao olhar luso, que por isso mesmo são colocadas lado a lado para dar ao leitor a sensação de diversidade existente pelos quatro cantos do globo. Relativamente às comparações e ao método analógico como técnicas de familiarizar o exótico, podemos referir a teoria de Edward Said sobre o orientalismo, no seu polémico livro *Orientalism*, onde o autor descreve a imagem do Oriente como «invenção do Ocidente».<sup>3</sup> Macau faz parte dessa mesma imagem e, sendo uma temática presente na literatura portuguesa, não o deixa de ser também na literatura inglesa.

---

\* F.C.S.H. — Universidade Nova de Lisboa.

<sup>1</sup> Cf. Carlos Estorninho. s.v. «Macau», in Joel Serrão (dir.), *Dicionário de História de Portugal*, Vol. IV, Livraria Figueirinhas, Porto, 1992, p. 108.

<sup>2</sup> Pêro de Magalhães de Gândavo, *História da Província de Santa Cruz*, in Luís de Albuquerque (dir.), *O Reconhecimento do Brasil*, Publicações Alfa, Lisboa, 1989, p. 102.

<sup>3</sup> Edward Said, *Orientalismo*, Tradução de Tomas Rosa Bueno. Companhia das Letras. São Paulo. 1990.

O *Oxford English Dictionary*<sup>4</sup> apresenta para o termo Macau a seguinte definição «a Portuguese settlement on the coast of China, noted for gambling», sendo também esse o nome de um jogo de cartas apreciado por terras britânicas<sup>5</sup> O jogo em Macau remonta ao início da permanência portuguesa no Território, devido à sua forma de povoamento e governo e também ao facto de tal prática ser proibida em Cantão. No século XVII a fama do jogo em Macau percorria as nações europeias, como podemos verificar através das referências inglesas acima citadas. Também o francês Jean Baptiste Tavernier refere esta prática em Macau, aquando da sua visita ao Oriente, afirmando, no relato da sua terceira viagem, que o Ms Du Belloy «souhaite qu'on le laissât aller a Macao (...) après avoir beaucoup gagné au négoce qu'elle recevoit assez bien les étrangers, qu'elle aimoit fort le jeu, ce Qui estoit la plus forte passion de du Belloy»<sup>6</sup>

Autores ingleses como John Rastell (c. 1475-1536).<sup>7</sup> Thomas More (1477-1535)<sup>8</sup>, Francis Bacon (1561-1626)<sup>9</sup>, Shakespeare (1564-

---

<sup>4</sup> *O.E.D.*, vol. IX, 1989, p. 149.

<sup>5</sup> Como breves referências a este jogo, na literatura inglesa, podemos observar em 1778, na obra de Ear Malmesbury, *Diaries and Correspondence*, I.p. 179, a anotação «Macau (a game much in vogue here at present) em 1783, Horace Walpole menciona também o facto de as mulheres inglesas gostarem deste jogo social que é notícia da revista de clubes e inclusive do jornal *Times* (11/07/1883). Cf. *Oxford English Dictionary*, vol. IX, p. 149.

<sup>6</sup> Jean Baptiste Tavaernier, *Les six voyages de Jean Baptiste Tavaernier, écuyer baron d'Aubone, qu'il a jait en Turquie, en Perse et Aux Indes...*, imprimée a Paris, 1712, pp. 143-144 (negrito nosso). *Apud* Ana Maria Amaro, «Jogos de cartas de Macau de tradição ibérica», in *Revista de Cultura*, n.º 23 (II Série), *Macau*, 1995, p. 50.

<sup>7</sup> John Rastell, no seu interlúdio *Four Elements* (c. 1520), refere indirectamente as façanhas ultramarinas portuguesas e directamente Portugal. Vide o nosso estudo «Shakespeare e os Descobrimentos Portugueses», in Maria Leonor Machado de Sousa (dir. ), *Revista de Estudos Anglo-Portugueses*, n.º 7, F.C.S.H. Universidade Nova de Lisboa/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa, 1998. pp. 21-36.

<sup>8</sup> Thomas More, *Utopia* (1516), introdução e notas de Robert Adams, W.W.W. Norton & Company, Nova Iorque, 1975. O narrador da história é Rafael Hitlodeu, um navegador português fictício que, tendo percorrido os quatro cantos do globo, será a pessoa mais indicada para espelhar uma nova sociedade, contra-exemplo da Inglaterra isabelina. Rafael viajara com Américo Vespucci, e na última viagem «he did not return home with the commander. (...) he got Amerigo's permission to be one of the twenty-four men who were left in a fort at the farthest point of the last voyage (Cabo Frio, Brasil) (...). After Vespucci, departure, he travelled through many countries and (...) he got, via Ceylon to Calcutta, where by good luck he found some Portuguese ships, and so, beyond anyone's expectation, he returned to his own country» (Thomas More, *op. cit.*, p. 7, negrito nosso). Mais uma vez um autor inglês imagina, à sombra do real, barcos portugueses em pleno Oriente.

<sup>9</sup> Francis Bacon, *New Atlantis* (1629), in Arthur Johnston (ed.) *The Advancement of Learning and New Atlantis*, Clarendon Press, Londres, 1980.

-1616)<sup>10</sup>, e Daniel Defoe (1660-1731)<sup>11</sup>, entre outros, referem o «saber de experiência feito» do argonauta luso, bem como as suas viagens no e para o Oriente. Alguns destes autores, ao descreverem viagens pelos mares da China, referem Macau, relacionando o Território também a Portugal. Se muitos escritores se deixam seduzir por mundos que o Português deu ao mundo — para parafrasear Camões — outros teóricos consideram acontecimentos como a passagem do cabo das Tormentas como um dos maiores feitos da Humanidade: «(...) the discovery of América, and that of the passage to the East Indies by the Cape of Good Hope are the two greatest and most important events recorded in the history of mankind»<sup>12</sup> Acontecimento este que possibilitou, mais tarde, o estabelecimento dos portugueses não só em Macau mas também por outras paragens do Extremo Oriente, como o atesta a arte *namban*.

Analizamos, assim, ao longo deste nosso trabalho, algumas das referências de autores ingleses quer a Macau quer à presença portuguesa pelos mares da China, centrando a nossa análise nas seguintes obras de Daniel Defoe: *The Farther Adventures of Robinson Crusoe* e *Captain Singleton*. Tais descrições do Oriente apresentam-nos também uma civilização Outra e toda uma vivência que o sinófilo francês Victor Segalen denomina de «estética do diverso».<sup>13</sup> Ambas as personagens que dão nome aos respectivos romances percorrem mares onde impera a presença portuguesa, vivendo aventuras através das quais buscam riqueza.

---

Também Francis Bacon inicia esta obra referindo a sua viagem pela China e pelo Japão, metas por excelência dos navegadores portugueses, nomeadamente Macau. Igualmente, a nota referente à página 225 informa-nos que a expressão « (...) within these six-score years (...) gave men confidence to adventure upon the water (...)» se refere aos Descobrimentos Portugueses, Bartolomeu Dias (1488), Vasco da Gama (1498) e Fernão de Magalhães (1519-22). Esta mesma confiança originada pelos Descobrimentos Portugueses, que Bacon refere, irá também levar argonautas ingleses, fictícios e reais, aos mares da China, inclusive à costa de Macau.

<sup>10</sup> Shakespeare, para além de referir os feitos marítimos e colónias portuguesas em peças como *The Merchant of Venice*, recorre a narrativas de viagem portuguesas para escrever peças como *The Tempest*, para a qual se serviu de informação do relato da circum-navegação de Fernão de Magalhães. Quer o Oriente (*The merchant of Venice*, III, ii, 267-269) quer a «baía de Portugal» (As you like it, Iv, i, 197-8) marcam presença na Obra de William Shakespeare.

<sup>11</sup> Daniel Defoe, *The Farther Adventures of Robinson Crusoe...* (1719) Dent. Londres, 1972. Obra doravante designada *The Farther Adventures*. Antes deste segundo volume de aventuras de Robinson, Defoe havia publicado, no mesmo ano, o romance *Robinson Crusoe*, que tendo sucesso imediato, dá lugar à obra que aqui analisamos. Ainda do mesmo autor *The Live, adventures and Piraciends of the Famous Captain Singleton* (1720), Dent, Londres, 1969, Obra doravante designada *Captain Singleton*.

<sup>12</sup> Adam Smith, *The Wealth of Nations* (1776), notas e introdução de Edwin Cannan, University Paperbacks, Londres, 1961, ii, p. 141 (negrito nosso).

<sup>13</sup> Victor Segalen, *Essanie sur l'Exotisme*, Livre de Poche, Paris, 1999 (1.ª edição póstuma em 1955).

Em relação ao conceito de exotismo, podemos defini-lo como representação do Outro civilizacional, bem como da sua singularidade<sup>14</sup>. Como o próprio prefixo do termo indica, o exotismo, como discurso sobre a alteridade, implica um movimento do olhar e dos demais sentidos para fora do Eu cultural ocidental. A visão do *alter mundus*, neste caso Macau, leva o Eu a consciencializar-se de que é também Outro no seio de um processo de «leitura» interactiva. O exotismo, metáfora representativa do encontro de diversas esferas civilizacionais, apresenta-se como uma questão de identidade, de pertença sócio-cultural; uma questão ontológica e também gnoseológica; um jogo de espelhos transversal e recorrente, portanto. Apresenta-se como um fenómeno intimamente relacionado com a atitude do Eu para com o Outro, como o provam os estereótipos e *topoi* que surgem da descrição da realidade que se revela mutante aos olhos do observador externo. Se Macau é mencionado nas obras de Defoe, aquando das viagens dos seus protagonistas, é-o por diversas razões. Porque remete o leitor para o imaginário do longínquo exótico, já presente na Literatura de Viagens Portuguesa,<sup>15</sup> e que decerto, influenciou o autor inglês.<sup>16</sup> Porque era já um importante entreposto comercial no Oriente, cobiçado, entre outros por ingleses<sup>17</sup> e abundava nos relatos de viagens traduzidos do português para outras línguas do Velho Continente.

Uma vez que navegadores portugueses marcam presença recorrente nas obras fictícias de viagem até aos nossos dias, não será, portanto, de admirar que Macau, enquanto porta europeia para a China, surja nestas obras associada aos mesmos. O imaginário de diversas obras literárias inglesas foi decerto enriquecido pelos Descobrimientos portugueses, quer através da literatura de viagens, quer através de conversas com amigos ou conhecidos sobre figuras portuguesas e os seus feitos.<sup>18</sup>

As índias orientais são destinos por excelência de heróis como Robinson Crusoe e Captain Singleton, necessitando Robinson de um

---

<sup>14</sup> Cf. Rogério Puga, s.v. «Exotismo», in Carlos Ceia (dir.) *Dicionário de Termos Literários*. Editorial Verbo (no prelo).

<sup>15</sup> Para o estudo da relação entre literatura e mito veja-se o trabalho de Maria Leonor Machado de Sousa, *Mito e Criação Literária*, Livros Horizonte, Lisboa 1985.

<sup>16</sup> Vide Fernanda Durão Ferreira, *As fontes portuguesas de Robinson Crusoe*. Fim de Século, Lisboa, 1996 (obra que levanta questões interessantes, sem no entanto, as justificar e fundamentar devidamente através de um rigoroso aparato crítico).

<sup>17</sup> Cf. Carlos Estorninho, *op. cit.*, p. 111.

<sup>18</sup> A título de exemplo da permuta de saberes entre Portugal e a Inglaterra, referimos a carta que Thomas Steves enviou aos pais, em 1579, descrevendo a cidade de Goa. Facto este que, decerto, se repetiu noutros tempos e noutros lugares. A referida carta encontra-se traduzida na colectânea organizada por Maria Laura Battencourt Pires, *Portugal visto pelos Ingleses*. Centro de Estudos Comparados de Línguas e Literaturas Modernas da Universidade Nova de Lisboa/INIC, Lisboa, 1981, pp. 91-94.

navegador que lhe sirva de guia quer nos mares, quer nas negociações com chineses e japoneses no interior da China. Esta associação dos ingleses aos argonautas lusos enaltece os primeiros, colocando-os lado a lado no que diz respeito a façanhas e a terras visitadas. A imagem do Português e dos povos com que este contacta é, assim, constituída por escritores da nação inglesa, que era já grande potência comercial e colonial da Europa, de quem os portugueses eram também concorrentes. No século XVI, o desejo de saber tanto acerca dos novos mundos quanto os portugueses leva os ingleses a traduzirem inúmeras obras relacionadas com os Descobrimentos Portugueses<sup>19</sup> e também a aprisionar navegadores portugueses como Fernando Oliveira, que em 1545 é levado para Inglaterra, conquistando, mais tarde, a admiração de Henrique VIII. Oliveira torna-se, posteriormente, como que mensageiro entre Eduardo VI de Inglaterra e D. João III de Portugal. Situação esta que, tal como muitas outras, dá lugar a troca de saberes e interesses de que Macau faz parte, como o provam os romances de Daniel Defoe.

No romance *The Farther Adventures of Robinson Crusoe*, a personagem que dá nome à obra navega pelo Brasil, que tal como África, a Índia, a Madeira e Macau são locais que se visitam noutras obras de Defoe como *Captain Singleton* e *The History and Remarkable life of (...) Col. Jaque*.<sup>20</sup> É este mesmo percurso que leva Robinson Crusoe a passar ao largo da costa de Malaca, observando barcos holandeses «in [their] way from China».<sup>23</sup> Vários países europeus desenvolviam sistemas comerciais no oriente, e é esse mesmo impulso que leva o nosso herói à China, nomeadamente a Macau, local famoso pelas suas trocas comerciais. Perante o perigo de adversários e corsários nos mares, Robinson hesita quanto ao destino da sua viagem no Sul da China, confessando que «my, partner seeing me thus dejected (...) began to encourage me, and describing to me the several ports; of that coast, tell me he would put in on the coast of Cochin-China, or the Bay of Tonquim, intending to go afterwards to Macao, a town once in the possession of the Portuguese, and where still a great many European families resided, and particularly the missionary priest usually went thither, in order to their going forward to China»<sup>22</sup> Macau será mais tarde descrito pelo capitão como «Part of the country where the English or Dutch ships come»,<sup>23</sup> e,

---

<sup>19</sup> A título de exemplo referimos a tradução para o inglês do *Tratado da China* (c. 1560), de Galiote Pereira em 1577 por Richard Willis, que o incluiu na sua *History of Travayle in the West and East Indies*, sendo posteriormente incluindo nas colectâneas de Purchas e Richard Hakluyt. Outra tradução foi a da *História do descobrimento e conquista da Índia*, de Fernão Lopes de Castanheda em 1582, com segunda edição cinco anos depois.

<sup>20</sup> Daniel Defoe *The History and Remarkable Life of the «Truly Honourable Col. Jaque (...)»* introdução e notas de Samuel Hoit Monk. Oxford University Press, Londres. 1965.

<sup>21</sup> Daniel Defoe, *Farther.*, p. 367 (negrito nosso).

<sup>22</sup> *Idem, ibidem*, p 368 (negrito nosso).

<sup>23</sup> *Idem, ibidem*, p 375.

portanto, um local a evitar, devido ao perigo de ataques por parte de corsários.

Macau é, então, descrita por Robinson, curiosamente, como tendo sido, outrora, uma vila na posse dos Portugueses. Tal como deve ser interpretada tendo em consideração o facto de a obra em questão ser um romance; fruto de muita leitura e imaginação do autor. Macau é igual-mante descrito como residência de inúmeras famílias europeias, sendo muitas dessas famílias portuguesas. Tal situação agrada a navegadores num ambiente longínquo, exótico onde impera o estranho. As famílias europeias seriam como que uma reaproximação «a casa», à Europa. A necessidade de esbater o exótico, associado ao perigo natural e humano dos mares, estão presente na mente do narrador. Um outro facto relevante ao longo da representação de Macau no romance é a imagem do Território como uma plataforma-cruzamento de missionários europeus que partem daí para toda a China. Perante tal referência, não podemos deixar de referir a imponência da Igreja da Imaculada Conceição, construída por volta de 1602, de cujos relatos nos séculos XVII-XVIII — altura da escrita das obras em análise — deixaram testemunho.<sup>24</sup> A missão de religiosos portugueses é também referida nas obras em questão,<sup>25</sup> dando a conhecer ao leitor cristão a expansão da fé e do império, desde o Brasil às índias Orientais. Robinson, ao sair da China, chega mesmo a distinguir o «cá» cristão do «lá» não cristão.<sup>26</sup> Podemos, então, afirmar que Macau constitui, para os navegadores europeus, um oásis de familiaridade, em que o exotismo antropológico se esbate através da convivência de diferentes culturas.

Da literatura greco-latina à literatura pós-colonial, cada país teve formas diferentes de se «outrar», que inúmeras vezes, se confundem com etnocentrismo. Dependendo a proveniência geográfico-cultural do sujeito observador-descritor, o *modus vivendi* exótico poderá ser ocidental ou não. Também nós somos seres exóticos com aspecto e costumes estranhos aos olhos de um asiático, de acordo com a sua sensibilidade exótica, ética e estética. A focalização exótica, neste caso europeia, e a visão do Outro relacionam-se, assim, como o ponto de vista de quem descreve e opina. O ponto de partida, as expectativas e interesses de quem descreve ou mitifica outros povos é determinante para a construção dessas imagens que são tão diversas como os destinos dos Europeus e os seus interesses. Em *The Farther Adventures* e *Captain Singleton*, a imagem da China e do Japão, civilizações de larga tradição, é bem diferente das imagens de territórios colonizados por países europeus, como o Brasil. A descoberta da alteridade dá, assim, lugar à construção de alternativas, reais ou imaginárias, e que Robinson Crusoe descreve na China. O seu

---

<sup>24</sup> Vide o nosso artigo «Ruínas de São Paulo: Estudo semiótico em torno de uma fachada» in *O Povo do Cartaxo*. 16/07/98, p. 5.

<sup>25</sup> Daniel Defoe, *Farther....* p. 307.

<sup>26</sup> *Idem, ibidem*, p. 401.

barco dirige-se para as Baías de Tonquin e Sião, enquanto ele descreve os povos que observa através do filtro dos (pre)conceitos mentais de um europeu de então. Após ter demonstrado que a Inglaterra é superior à China em muitos aspectos, Robinson afirma que «the greatness of their Wealth, their trade, the power of their government, and strenght of their armies, is suprising to us, because (...) we did not expect such thing among them»<sup>27</sup>. Evitando encontrar barcos europeus, a tripulação inglesa chega à ilha Formosa e daí dirige-se para um porto na costa chinesa, onde um velho piloto português lhes oferece os seus serviços de guia dos mares da China, que tão bem conhece «Standing in for the shore, a boat came off two leagues to us, with and old Portuguese pilot on board, who knowing us to be an European ship, came to offer his service, which indeed we were glad of (...). I began talking with him about carrying us to the Gulph of Nanquin,<sup>28</sup> which is the most northern part of the coast of China. The old man said he knew the Gulph of Nanquin very well, but smiling, ask'd us what we would do there».<sup>29</sup>

No seguimento da conversa entre o piloto com Robinson Crusoe descobrimos em que porto asiático o barco deste último havia ancorado: «He told us our best port had been to have put in at Macao, where we could not have fail'd of a market for our opium to our satisfaction, and might for our money have purchas'd all sorts of China goods, as cheap as we could at Nanquin.»<sup>30</sup> O Português tenta persuadir o inglês a negociar ali mesmo no porto de Macau, o melhor lugar para o fazer, e regressar a Inglaterra com enormes lucros. Para qualificar os negócios do porto de Macau utiliza o adjectivo *good* no grau superlativo: *best*. Entendemos, agora o sorriso na face do piloto português ao indagar a tripulação sobre os propósitos da ida a Nanquin, pois tenta convencer Robinson de que O negócio, quer da venda do ópio quer da compra de qualquer produto chinês, é melhor em Macau do que em qualquer outro local da costa chinesa. O inglês responde negativamente ao piloto, em português: «Well, I said, *Seignior Portuguese*, but that is not our business now (...)»<sup>31</sup>

---

<sup>27</sup> *Idem ibidem*, p. 386

<sup>28</sup> O «Gulph of Nanquin» é também referenciado no capítulo XXVI da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Obra esta que foi traduzida para o inglês por Henry Cogan Gent, em 1553, com reedições em 1663 e 1692 (Cf. Charles David Ley, *Portuguese Voyages 1498-1663*, J. M. Dent. Londres, 1953, p. 78). Assim sendo, Daniel Defoe poderá ter tido acesso à tradução desta obra portuguesa tal como a muitas outras que descrevem as viagens portuguesas pela costa da China.

<sup>29</sup> Daniel Defoe, *Father...*, p. 373 (negrito nosso).

<sup>30</sup> *Idem, ibidem*, (negrito nosso).

<sup>31</sup> *Idem, ibidem*, (negrito nosso). A expressão em português, que Defoe confundiu com o castelhano, («Seignior») torna-se, desde o primeiro volume das aventuras de Robinson Crusoe, uma fórmula para expressar quer uma maior verosimilhança quer um certo exotismo linguístico. Apesar de Robinson ter aprendido a falar português no Brasil, essa mesma língua era também de grande utilidade nos mares do Oriente Cf. Dan O'Sullivan, *The Age of Discovey 1400-1550*, Longman, Londres, 1984, p. 23, «In the 1550s a profitable and exotic trade

Após a conversa sobre piratas e «foras da lei» nos mares, o piloto português demonstra estar informado sobre os acontecimentos actuais quer na Ásia quer na Europa, sendo que os navegadores ingleses fazem uso desse mesmo «saber de experiência feito». O piloto português informa ainda Robinson Crusoe que poderá comercializar directamente com povoações chinesas, sem o perigo de inimigos europeus atacarem o seu barco em «Quinchang,<sup>32</sup> where the father of the mission usually landed from Macao, on their progress to teach the Christian religion to the Chinese, and where no European ships ever put in (...) at certain times they had a kind a fair there, when the merchants from Japan came offer to buy the Chinese merchandizes»<sup>33</sup> Mais uma vez, Defoe refere a mis-sionação na China a partir de Macau, o piloto português demonstra-se um conhecedor ímpar da costa chinesa e dos negócios que lá se fazem, estendendo-se esses conhecimentos ao Japão, retirando ao amigo de Robinson «a hill off his back»,<sup>34</sup> ou seja, um peso das costas, tornando-se, por isso, amigo da tripulação inglesa. Este piloto recorda-nos o Capitão português do romance de Robinson Crusoe, pois também esse Capitão salva Robinson na costa africana, levando-o para o Brasil e mostrando-se honesto e generoso sempre que o navegador inglês dele necessita. Na China, esta personagem portuguesa expressa igualmente a predisposição de viajar por todo o mundo na companhia dos ingleses, que já o tratam por «my never feiling old pilot, the Portuguese».<sup>35</sup>

O «Portugal pilot», corajoso, proporciona à tripulação inglesa diversos contactos com navegadores japoneses, viajando, posteriormente, para Pequim, onde tem também amigos. Na capital da China «the Portuguese pilot, being desirous to see the court, we gave him his passage, that is to say, bore his charges for his company, and to use him as an interpreter, for he understood the language of the country and spoke a good French and a little English, and indeed, this old man was a most useful implement to us every where, for we had not been above a week in Peking, when he came laughing «Ah, seignior inglese» (,..).»<sup>36</sup> O português, idoso curioso e enérgico, é considerado pelos ingleses uma companhia valiosa indispensável, uma vez que sabe de tudo e todos onde quer que esteja na

---

was set up which involved sending an annual c arrack — the famous Black Ship — from Goa to carry European goods to the Portuguese base at Macao (sic) where Chinese Silks were loaded, to be in turn sold at Nagasaki, mainly in return for silver. The Portuguese were the first World-wide traders (...).

<sup>32</sup>Porto este que os chineses e japoneses pronunciam de forma diferente da do piloto português. Defoe faz, portanto, uma diferenciação fonética entre as três línguas e refere o facto de cada cultura ter seu topónimo para o mesmo local Cf. Daniel Defoe, *Farther....*, p. 377.

<sup>33</sup>*Idem, ibidem.* p. 377. Vide também p. 381 onde o narrador refere a presença de missionários portugueses na China, não deixando de criticar os «Romish priests», uma vez que o protestantismo era a religião oficial inglesa.

<sup>34</sup>Daniel Defoe, *Father....*, p. 380.

<sup>35</sup>*Idem, ibidem*, p. 397 (negrito nosso).

<sup>36</sup>*Idem, ibidem*, p. 390.

China, e fala o latim, o português, que também Robinson fala devido à sua longa estadia no Brasil, o francês, o inglês e «a língua do país». Sendo a língua falada em Pequim o mandarim e a língua falada na zona de Macau o cantonês, terá Defoe desconhecido este facto ou seria o português um verdadeiro poliglota? Sendo tão valiosa a sua presença, Robinson, que enriquecera no Brasil, entre portugueses, e viajava por gosto de aventura, resolve gratificar o piloto que o acompanhara desde Macau «which was indeed hut doing him justice (...) a most necessary man on all occasions (...)».<sup>37</sup> O português sempre bem disposto, vai, inclusive, transmitindo ao grupo inglês algumas informações etnográficas sobre o artesanato chinês. «The Portugal pilot who had always something or other to say to make us merry (...) told me he would show me the greatest rarity in all the country. (...) a house all made of China ware, such as you call it in England, or as it is call'd in our country [Portugal] porcellain»<sup>38</sup> É então revelada aos ingleses, pelas mãos de um luso, uma raridade em todo o globo terrestre, uma casa coberta de porcelana, fazendo o piloto uma distinção lexical entre a língua inglesa e a portuguesa, tal como faz com a percepção das diferentes culturas e *modus vivendi* «(...) I understand you, Seignior Inglese, I understand you», says he, «but Seignior Chinese understood you his own way».<sup>39</sup>

Saindo da China, rumo a Inglaterra, o «Portugueze» demonstra, mais uma vez, ter sangue frio e pensar rapidamente, quando o grupo é atacado por inimigos, daí que Robinson afirme «Our old pilot was our captain, as well as he had been our engineer (...)»<sup>40</sup> A personagem portuguesa é tida na mais alta estima e elogiada como alguém indispensável numa viagem. Robinson encontrou, portanto, em Macau um perito não só na navegação, como no comércio e na resolução de problemas práticos que surgem durante a viagem.

As aventuras de Robinson Crusoe, tal como as de Captain Singleton, não teriam sido possíveis sem a intervenção, a generosidade e experiência dos portugueses, que o auxiliam nos quatro cantos do globo. Robinson demonstra sentir um grande afecto pelos portugueses e pelo piloto capitão que encontrou em Macau, enquanto o capitão apresentará, inicialmente, uma imagem algo negativa do Português, uma vez que este é seu adversário nos mares. Após uma viagem ao Brasil, o corsário (Bob) Singleton, regressa ao Oriente, na senda das especiarias, passando por Ormuz e pelas Filipinas. O comércio nesse canto do globo não era já novidade, «for the Portuguese had frequently Vessels which came from Macao in China, who brought Spices, which they bought of the Chinese Traders, who again frequently dealt among the dutch Spice Islands, and received Spices in Exchange for such Goods as they carried from

---

<sup>37</sup> *Idem, ibidem*, p. 391.

<sup>38</sup> *Idem, ibidem*, p. 393.

<sup>39</sup> *Idem, ibidem*, p. 395.

<sup>40</sup> *Idem, ibidem*, p. 424.

China»<sup>41</sup> O narrador do romance descreve, então, o comércio directo e indirecto que os Portugueses, seus rivais, mantêm já na zona de Macau com vários parceiros, dificultando, por isso, e como já havia acontecido no Brasil e em África, os negócios da tripulação do barco de Bob Singleton.

O Capitão inglês afirma que, em Goa, aprendeu «everything that is wicked among the Portuguese, a Nation the most perfidious and the most debauch'd, the most insolent, and cruel, of any that pretend to call themselves Christians, in the World»<sup>42</sup>. Todas estas críticas ao povo português serão atenuadas se comparadas com as críticas que Singleton vai fazendo a todos os povos que se cruzam no seu caminho, uma vez que ele tem apenas uma coisa em mente: lucro e, de preferência, o mais facilmente possível. Nesta obra observamos, portanto, uma transformação na representação quer dos portugueses quer dos ambientes por eles frequentados, como é o caso da Índia. A que se deverá tal mudança? Ao facto de Singleton ser um corsário inglês e logo adversário dos portugueses que rouba, defendendo-se estes dos seus ataques? Dever-se-á à religião do Papa por oposição à de Henrique VIII? Desejará Defoe colocar em evidência a ausência de leis nos mares do Oriente, tal como fizera em *Robinson Crusoe*? Ou apresentar-nos-á apenas uma visão-Outra dos portugueses, sendo que cada grupo social tem a sua?

Sendo Defoe jornalista, talvez tenha lido críticas e referências à corrupção da carreira da Índia, corrupção essa que é hoje apontada como uma das causas da queda do Império do Oriente e conseqüente viragem para o Atlântico; por onde Robinson e Singleton também viajam; o primeiro para enriquecer a trabalhar, o segundo para tentar enriquecer a roubar. Talvez os diferentes interesses das duas personagens filtrem e influenciem a imagem que ambos constroem e espelham do Português e de Macau.

A temática do exotismo relaciona-se então, com questões económicas; no entanto interessa-nos apenas a visão-representação do Outro macaense, chinês e português enquanto fenómeno antropológico e literário. É a distância que dá origem à sensação de «exótico», quando da descrição de locais, seres, costumes e hábitos chineses; pouco conhecidos do leitor ou apreciador de qualquer forma de arte. Este mesmo jogo dialéctico entre a Europa e a Ásia dará inevitavelmente lugar a julgamentos axiológicos e, conseqüentemente, a analogia e à comparação, quer por aproximação/semelhança quer por distanciação/dissemelhança. Dá também lugar à sátira do Eu, supostamente civilizado, através do Outro inocente e até bárbaro. O exotismo-orientalismo torna-se arma didáctica, abrindo lugar à criação de contra-exemplos do microcosmos sócio-político do Eu. Daí que se possa falar de um exotismo também filosófico. Como outras formas de exotismo, refiram-se ainda o «exotismo

---

<sup>41</sup> *Idem, Captain Singleton*, p. 308 (negrito nosso).

<sup>42</sup> *Idem, ibidem*, p. 7.

antropológico, sociológico, cultural, iconográfico, retórico, linguístico e finalmente estético-literário»<sup>43</sup> Como exemplo do exotismo pictórico de Macau, refira-se a Obra do Pintor inglês George Chinnery (Londres, 1774 — Macau, 1852) onde imperam as personagens-tipo e toda uma vivência e envolvimento exóticas da cidade.

A alteridade exótica é também objecto de estudo da Antropologia, cujos textos têm por suposto objectivo a recriação ou descrição o mais fiel à realidade possível do mundo — Outro estudado. Para além do interesse do antropólogo perante o exotismo, podemos referir ainda o do turista e o do «exota» que, tal como Victor Segalen se inspira e procura o «plaisir de sentir le Divers». <sup>44</sup> Poderemos então ver na Obra de George Chinnery um trabalho e uma sensibilidade de exota, apelando para um imaginário policromático, com base num saber multicultural progressivamente acumulado.

A descoberta empírica da diferença do Outro-chinês, sendo multidimensional e fruto de contemplação emotiva, é algo difícil de se conseguir de uma forma objectiva. Todorov denomina «exotopie» este processo de descoberta que é «affirmation de l'exteriorité de l'autre qui va de pair avec sa reconnaissance en tant que sujet»<sup>45</sup>. Surgindo do espaço-mistério que ilustra as distâncias da dicotomia Eu civilizacional — Tu Outro, o exotismo, ou neste caso orientalismo, enquanto objecto de estudo, exige um estudo interdisciplinar que capte toda a sua complexidade. A noção de exotismo funde-se com a experiência humana que a viagem geográfica e imaginativa proporciona, espelhando a imagem de contrastes que cada civilização faz das outras. Imagem esta também presente na Literatura Portuguesa em relação à China e vice-versa.<sup>46</sup>

As viagens a Macau de Robinson Crusoe e Captain Singleton, reais ou imaginárias, mas sempre simbólicas, vão-se construindo em torno de mitos e representações, por vezes hiperbólicas, de tempos, lugares e personagens em constante movimento. A forma como a apreensão e a descrição são realizadas toma várias formas. O ser exótico poderá ser apenas um anti-reflexo da cultura ocidental (China em *The farther Adventures*) ou o reflexo de uma alter-cultura (Macau em *The farther Adventures...*). Com origem na observação e tentativa de descodificação de culturas e *modus vivendi* heterogéneos, o exotismo encontra-se presente desde os relatos de viagens e descobertas do século XV, e até

---

<sup>43</sup> Maria Leonor Carvalhão Buosou, «O exotismo ou a "estética do diverso" na Literatura Portuguesa». in *Literatura de Viagens. Narrativas, história, Mito*, Edições Cosmos, Lisboa, 1997, p. 566.

<sup>44</sup> Vítor Segalen, op. cit., p. 30.

<sup>45</sup> Tzevan Todorov, *La Conquete de l'Amérique*. Editions du Seuil. Paris, 1982. p. 254.

<sup>46</sup> Vide K. C. Fok «Primeira imagens da dinastia Ming sobre os Portugueses», in *Revista de Cultura*, n.º 23 (série II), Macau, 1995, pp. 5-12. Na mesma revista veja-se o artigo de Rui Manuel Loureiro «Imagem da China na cultura dos Descobrimientos Portugueses». pp. 13-18.

mesmo anteriores, aos actuais guias turísticas e refeições étnicas, para além de inúmeras outras artes narrativas e figurativas, como é o caso da fotografia.

Intimamente relacionado com o acto de viajar para um outro lugar, o exotismo é, por vezes, fruto de pura invenção artística, devaneio criativo (*Farther Adventures e Captain Singleton*) e, outras, fruto de necessidade de ideologias imperialistas, podendo, então, materializar-se em forma de exótica fantasia. Um dos problemas de representação do Outro é também a própria tradução das línguas autóctones; questão esta que o piloto português levanta em *The Farther Adventures*.<sup>47</sup>

Como traços e signos da estética da alteridade, presentes na obra aquando das viagens dos protagonistas pelos mares da China, poderemos listar a panóplia de topónimos, epítetos, expressões e imitação de sons de línguas exóticas,<sup>48</sup> bem como outros indicadores qualitativos que transportam o leitor para um universo semântico diferente do seu, onde imperam vestes, traços faciais, gestos, objectos característicos e gostos. O exotismo, tal como acontece ao longo das obras por nós analisadas, quer explicita quer implicitamente, poderá funcionar como *tropos* ou técnica de simulacro e desfamiliarização do real, tal como aconteceu com os índios norte-americanos nos *westerns* de Hollywood. O discurso exótico é assim coberto de máscaras-artifícios que servem o propósito da fixação mas deturpam uma visão que, em determinadas situações, se deseja mais real. Todos estes temas e figuras simbólicas se constroem e utilizam recursivamente auxiliando a interpretação do leitor, indo, por vezes, de encontro ao seu «horizonte de expectativa» (cf. Iser. *The Act of Reading: A Theory of Aesthetic Response*). O Outro-chinês em Macau, e no resto da China, é então relativamente descoberto através da ordenação de um mundo semi-encontrado que exige recursos estilísticos e humanos e uma linguagem específica para o espelhar. O piloto português serve, portanto, este princípio.

A escrita, enquanto imagem gráfico-simbólica, serve também para ordenar o pensamento e formar um conhecimento mais profundo. O *homo viator* inglês, ao descrever novas realidades, presta atenção a determinados pormenores em detrimento de outros<sup>49</sup>, pelo que será também necessário descodificar quer sistemas mentais quer a retórica do silêncio do exotismo. O discurso exótico de Defoe é, então, uma ferramenta conceptual, auxiliar da interpretação de novos mundos que geram dúvidas, receios e ameaças perante os dogmas estabelecidos no Velho Continente. Muitos dos temas e das formas intimamente relacionadas com o exotismo desenvolvem-se

---

<sup>47</sup> Daniel Defoe, *Farther...*, p. 395.

<sup>48</sup> Vide Maria Leonor Carvalhão Buesco, *O estudo das línguas exóticas no século XVI*, ICALP, Lisboa. 1983.

<sup>49</sup> Enquanto Robinson Crusoe descreve um pouco da vida de Macau, isto é, o seu (antigo) governo, o porto e as trocas comerciais, bem como o tipo de família que aí vivem, o Captain Singleton apenas refere o movimento de barcos portugueses que vão e vêm para Macau, carregados de especiarias.

e intensificam-se, de forma sistemática, sobretudo na Época Moderna, a par da Expansão e dos Descobrimentos Ibéricos; sendo até aos nossos dias uma temática e tópico recorrentes na literatura europeia. A partir dos séculos XV-XVI a representação do Outro vai sofrendo alterações à medida que se fazem novas descobertas, se disseminam e assimilam conhecimentos e se desmistificam e racionalizam realidades diversas. *O jamais vu* torna-se progressivamente *dejá vu*, nem que apenas através de obras como as que analisámos.

Podemos, portanto, concluir que quer a imagem dos portugueses quer a imagem de Macau são representações positivas e filtradas pelos conceitos mentais de Daniel Defoe, sendo que Macau foi e continua a ser uma exótica plataforma onde se cruzam culturas que contribuem para a formação de um exótico saber multicultural.

